

CARTA ABERTA AOS PARTICIPANTES DO

IX ENCONTRO BRASILEIRO SOBRE O PENSAMENTO DE WINNICOTT

Do Chimarrão ao Tereré

Em nossa última carta "De Volta ao Ninho" (VIII Encontro), registramos o convite que nos chegou de Campo Grande (MS), para a realização do IX Encontro. Acompanhava a mensagem – lembrança de seu poeta maior Manoel de Barros: "O meu quintal é maior que o mundo". O campo é grande, e seu quintal será o nosso mundo. Lá nos encontraremos.

Campo Grande, também conhecida como Morena. É Morena pela cor de sua terra. Se formos ousados, em cumplicidade com o poeta local Edson Amorim, por sua tez indígena: "morena campo-grandense, herdaste das raízes indígenas a meiga morenice". Situada no coração da América do Sul, pulsa essa "morena".

Transmutaremos da serra rio-grandense para o cerrado sul matogrossense. Transições implicam em câmbios. Permutaremos o chimarrão pelo tereré, e aparelharemos nosso paladar para as surpresas.

Diferentes culturas associadas aos ecos de procedência indígena, distinguem a culinária do cerrado com seus deleitosos sabores: arroz de carreteiro ou com guariroba, sarrabulho, pucherada, pacu assado etc... Para os mais exóticos, muqueca de jacaré e dourado na folha de bananeira. Se preferirem, caldo de piranha.

Sobremesas? Uma vasta variedade de frutas pantaneiras, e os indispensáveis pudins: de jenipapo, de nozes, de cupuaçu e os de pão. Por falar em pão, e sabedores da importância da mitologia para a Psicanálise desde Freud, estaremos diante de um enigma: a chipa é um genérico do pão de queijo, ou vice-versa? Ao decifrá-lo, nos cabe devorá-la.

Se alguma pausa houver, a placidez bucólica do Lago do Amor, nos trará inspiração com o acalanto das vocalizações e sobrevoos de suas aves multicoloridas. Pura performance da arte plumática, como queria Hegel: "A manifestação do infinito no finito". Vale um passeio pelo Vale das Nações Indígenas, o maior parque urbano do mundo.

Para presentear-se, ou regalar, as famosas esculturas da Conceição dos Bugres.

Mais uma vez estaremos juntos. A indefectível circunstância da perda que a surpreendente fatalidade nos impôs (“um dia a gente chega, no outro vai embora” – Almir Sater), parece que nos fortaleceu como grupo ou coletivo. Prefiro coletivo. Coletivo abre, tem movimento, multiplica, amplia, com a força da dialética das diversidades em busca de uma horizontalidade. Enquanto grupo, sugere hermetismo, fechamento.

Ainda com o compositor – violeiro campo-grandense Almir Sater: “hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe. E cada um de nós compõe a sua história. Cada ser, em si, carrega o dom de ser capaz e ser feliz. Penso que cumprir a vida seja simplesmente, compreender a marcha e ir tocando em frente”.

Façamos de nossa marca, o compreender a marcha e ir tocando em frente.

Nos aguarda a iniludível beleza dessa terra morena. O viço clorofilado de sua flora e o pigmentado arco íris de cores de sua fauna. Isso nos alimenta e envaidece. Enaltece o sentimento genuíno de brasilidade.

Considerado o Guimarães Rosa da poesia, Manoel de Barros nos adverte: “no Pantanal, ninguém passa a régua. A régua é existidura de limites. E o Pantanal não tem limites”.

Que bom, nobre poeta! Se o Pantanal não tem limites, e sendo a maior planície de inundação contínua do mundo, estaremos à vontade para derramar nossas dúvidas, incertezas, interrogações e inquietações, sem temer transbordá-lo. Voltando a Almir Sater: “só levo a certeza que muito pouco sei, que nada sei”.

Discentes perenes, formaremos um caudaloso rio, bem ao gosto da região, e desagüaremos num mar de possibilidades que nos oferece o IX ENCONTRO - PRIVAÇÃO E DELINQUÊNCIA: OS CAMINHOS E DESCAMINHOS DA ESPERANÇA. Viajaremos em pensamentos e palavras, com as credenciais que nos outorga Manoel de Barros: “gosto de viajar por palavras, mais do que de trem”.

Os caminhos e descaminhos da esperança, nos remetem ao cenário poético do verdor do Pantanal, como sinal de esperança. Atentos aos descaminhos, nos dispomos a uma bela caminhada pelo verdejar da esperança. Quem conhece nossa história, entenderá o quão estamos precisando!

A esperança? Quem sabe encontraremos no fundo da caixa de Pandora. Nem que seja a esperança de encontrarmos a nós mesmos.

À luz do pensamento de Winnicott, transitaremos pelas vielas, desvelando as fronteiras entre o comportamento antissocial e a delinquência.

A consequência para os filhos, da ausência do pai e da solidão da mãe, pode leva-los a se aventurar, buscando fora do lar, alternativas reparadoras. Geralmente fracassam. Investem na sorte, e desistem. Buscam nas preces que nem conhecem, tentativas de aplacar suas angústias. Apesar de tudo, trazem no olhar, sinais inequívocos de esperança.

Traduzindo em poesia, o paulista Renato Teixeira, um dos parceiros de Almir Sater, nos oferece a beleza de sua composição, Romaria, como pano de fundo, pespontando nossas indagações.

ROMARIA

.....

(*ESTRIBILHO*)

{	<i>Sou caipira, Pirapora Nossa</i>
	<i>Senhora de Aparecida</i>
	<i>Ilumina a mina escura e funda</i>
	<i>O trem da minha vida</i>

*O meu pai foi peão
Minha mãe solidão
Meus irmãos perderam-se na vida
À custa de aventuras
Descasei, joguei, Investi, desisti
Se há sorte, eu não sei,
nunca vi*

(*ESTRIBILHO*)

*Me disseram porém
Que eu viesse aqui
Pra pedir
Em romaria e prece
Paz nos desaventos
Como eu não sei rezar
Só queria mostrar
Meu olhar, meu olhar, meu olhar.....*

Até lá,

José Guedes